



HISTÓRIA ORAL COMO FONTE PARA A HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA NARRADA

Brenda Maria Dias ARAUJO¹;

Maria de Fatima Dias ARAUJO²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa para o III Seminário de Pós-Graduandos “A memória como fonte para a História e Historiografia da Educação”, texto de conhecimentos apreendidos na disciplina Fontes Orais, Representações e Iconografia nas Pesquisas em História da Educação, no curso de Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, sendo uma das vertentes de estudo que se firmaram pela produção do ponto de vista da pesquisa acadêmica a história das instituições escolares.

A relevância da pesquisa quanto à História Oral e a Memória são fundamentais, tanto no plano acadêmico quanto no social. Sendo que a História Oral fortalece as fontes acessando as experiências formativas, as trajetórias dos participantes, enquanto a memória nem sempre é compreendida alegando que se encontra permeada por esquecimentos, silenciamentos e ressignificações (Halbwachs, 2006).

Neste sentido, compreende-se que as narrativas ampliam a pluralidade de vozes que compõem a escrita da história valorizando as identidades e experiências. Deste modo, Bosi (1994) considera que a memória é também um espaço de resistência, onde os sujeitos entrevistados reafirmam sentidos e valores frente às transformações sociais.

Entende-se que as narrativas enriquecem o debate historiográfico promove o exercício de reconhecimento e valorização das experiências educativas, fundamentais para compreender a complexidade da educação em diferentes tempos e contextos.

A preparação para a elaboração de um trabalho científico propicia maiores conhecimentos ao autor, leituras de obras de teóricos que abordam a temática promovendo ampliar nosso olhar para o mundo, compreender a história da escola, porque se abre a relação

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: diasbrenda13@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: diasaraujo15@gmail.com





entre os acontecimentos e as contradições, como a de uma escola pública apresentar aspectos de escola privada.

A investigação fundamenta-se nos aportes de Certeau (1995); Halbwachs (2006); Le Goff (1992); Nora (1995); Nunes e Carvalho (1993); Portelli (1998); Santos e Araujo (2007); Thompson (1992, 1998); articulados às contribuições de Bosi (1994); que ressalta a memória como espaço de resistência e resignificação das experiências.

Neste sentido, apresenta como objetivo geral da pesquisa discutir a História Oral como fonte e como mediação da memória na pesquisa em História e Historiografia da Educação, com isso visa problematizar de que modo a memória, ao ser narrada, registrada e analisada, transforma-se em categoria fundamental para compreensão das práticas, das trajetórias e dos discursos educativos, contribuindo para ampliar os horizontes da pesquisa história e para diversificar as possibilidades de interpretação sobre o passado da educação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia constituiu-se da pesquisa bibliográfica, em uma abordagem qualitativa, que foi utilizada para elaboração da Dissertação, assim temos uma meta, um caminho a seguir. E como instrumento de pesquisa tem-se um conjunto de técnicas e métodos. A palavra do termo grego *Méthodos* compõe-se pelas palavras “Meta” e “hodos”; “*meta*” – através de, por meio, e de “*hodos*” – via caminho. Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados” (Dicionário Etimológico, 2008, s/d).

Neste contexto, o método de pesquisa utilizado em um trabalho científico propõe ao pesquisador/autor diferentes tipos de pesquisa como: exploratória, experimental, acadêmica, empírica, de campo, laboratorial e teórica.

A partir da definição do tipo de pesquisa buscou-se os procedimentos metodológicos para a coleta de dados e, também, deve-se designar a abordagem de nossa pesquisa como quantitativa, qualitativa ou quali-quantitativa. Tanto na pesquisa quantitativa quanto na pesquisa qualitativa deve-se procurar alcançar os objetivos propostos, confirmando ou não as hipóteses apresentadas.

No que se refere aos procedimentos técnicos pode-se enumerar várias técnicas como material publicado, artigos, dissertações e teses, obras de diversos teóricos, periódicos, bem como a observação, a entrevista, a histórica de vida, documentos, fotos, e, em especial, tem-se a história oral.

Assim, a pesquisa adotou a metodologia da história oral, pois a probabilidade de entrevistar pessoas que se envolveram com a escola que foi tema da pesquisa, no período a ser





estudado é considerável. O relato de ex-agentes da escola seria fundamental para entender o cotidiano da escola em suas nuances variadas, sobretudo as relações interpessoais aí estabelecidas.

As fontes não seriam apenas um instrumento de manipulação dos pesquisadores, mas um problema ligado à constituição do campo da própria história da educação, o que traria dificuldades devido a um trabalho de desconstrução de modelos e valores já interiorizadas em práticas de pesquisa; “o fato de nos afastarmos da postura que esvazia as fontes do seu significado mais denso, já indica que a nossa escolha supõe não apenas uma interpretação prévia”, entende-se, também, que os pesquisadores se apoiam em “certezas teóricas” em seus trabalhos, e, mais, o momento se depara com o mesmo da “crise dos paradigmas nas ciências sociais e estremecimento de matrizes teóricas há certo tempo estabelecidas e hegemônicas na produção da nossa historiografia” (Nunes; Carvalho, 1993, p. 8-9).

Segundo Santos e Araújo (2007, p. 192):

A História Oral inscreve-se em uma reflexão de natureza historiográfica na história contemporânea. É bom recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos que têm como ponto de partida um projeto, e têm como definição pessoas a serem entrevistadas. Tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas. É uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências.

Deste modo, a história oral tornou-se um recurso utilizado partindo dos relatos da/das pessoa/s entrevistada/s, quando essas pessoas fazem uso de suas memórias para narrar um fato histórico vivido em um recorte temporal. Assim, “a História Oral pode assumir diferentes formas, tendo como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade” (Santos; Araújo, 2007, p. 192).

Vale ressaltar que a História Oral, como fundamentam Santos e Araújo (2007), é uma fonte muito rica, portanto tomá-la como técnica ou como método é uma decisão metodológica. Entende-se, ainda, segundo os autores acima citados, que a História Oral é subsidiária de outra fonte, se utilizada como técnica, “como recursos importantes para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação” (Santos; Araújo, 2007, p. 194).

Portanto, como método “tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes” (Santos; Araújo, 2007, p. 195).





No entanto, no dizer de Thompson (1998, p. 137-138), as fontes orais não devem ser consideradas como um documento a mais, “se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’, tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”.

Ainda, Thompson (1992, p. 17) refere-se sobre a importância da História Oral ao afirmar:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Neste sentido, a história oral acrescenta perspectivas à pesquisa e compõe com a historiografia contemporânea. Para Santos e Araújo (2007, p. 192), “os documentos de História Oral são resultados de relatos, de projetos compartilhados, em que entrevistador / pesquisador e entrevistado / narrador são envolvidos e, nesta perspectiva, possuem aspectos individuais e coletivos”.

Como método “tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes” (Santos; Araújo, 2007, p. 195).

Na fundamentação de Portelli (1998, p. 9-10) referindo-se à entrevista:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas.

Neste sentido, há uma relação na aplicação da entrevista entre o entrevistador e o entrevistado, a história oral consiste na entrevista de caráter histórico e documental, em que o entrevistado fará narrativas sobre uma situação, um acontecimento, uma experiência, transformando sua narrativa em linguagem. O entrevistador ouvirá, registrará e/ou gravará as respostas, para depois selecioná-las, avaliá-las e interpretá-las, de acordo com os objetivos propostos em sua pesquisa.

Tais documentos são copiados, transcritos e, mesmo fotografados, desta forma, como Certeau (1995 apud Le Goff; Nora, 1995, p. 30-31) fundamenta:





[...] mudando ao mesmo tempo, seu lugar e seu estatuto. Esse gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física. Forma a “coleção”. Faz com que as coisas sejam constituídas em “sistema marginal”, como diz Jean Baudrillard; faz com que sejam exilados da prática para estabelecê-los como objetos “abstratos” de um saber. Longe de aceitar os “dados”, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas que o repartem no universo do uso, que também vão procura-lo fora das fronteiras do uso e que fazem com que seja destinado a um reemprego coerente. É a marca dos atos que modificam uma ordem recebida e uma visão social. Instauradora de signos oferecidos a tratamentos específicos, essa ruptura não é, portanto, nem apenas, nem à primeira vista, o efeito de um “olhar”. É necessária uma operação técnica.

Retomando o trabalho científico e o desenvolvimento da pesquisa, este se estrutura em três procedimentos centrais como a contextualização histórica, sistematização de fontes, análise, interpretação de resultados. Desta forma, os documentos selecionados, como se fosse uma documentação adormecida ganha voz e se é transformada em algo que funciona diferente, uma ação que institui por técnicas transformadoras. “A transformação da “arquivística” é o ponto de partida e a condição de uma nova história” (Certeau, 1995 apud Le Goff; Nora, 1995, p. 34).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas em História da Educação vêm se ampliando e, conseqüentemente, a organização da documentação para compor as fontes de pesquisa, para que o pesquisador possa reconstituir e/ou reconstruir a história. Neste sentido tem-se a fundamentação de Ivashita (2014, p. 5):

Na História da Educação, durante algum tempo, recorreu-se apenas às fontes oficiais escritas (a legislação, as discussões parlamentares, atas, relatórios escritos por autoridades, regulamentos, programas de ensino e estatísticas), entretanto com a expansão das investigações neste campo de estudos e pesquisas, o historiador foi também alargando as possibilidades de uso das fontes [...].

Nesta perspectiva, entende-se que, em primeiro lugar, os estudos em História da Educação se baseavam quase exclusivamente em fontes oficiais e escritas, como os documentos produzidos pelo Estado e pelas instituições formais de ensino: leis e decretos educacionais, relatórios ministeriais, programas e regulamentos escolares, estatísticas oficiais e atas e documentos administrativos. Tais materiais representavam a visão institucional da educação, o modo como o Estado e as elites dirigentes concebiam, organizavam e controlavam a educação.





Desta forma, com o amadurecimento da historiografia da educação, especialmente, no século XX, ocorre uma ampliação do conceito de fonte histórica. O historiador passa a reconhecer que a educação não se reduz ao sistema escolar formal, mas envolve práticas sociais, culturais e cotidianas. Neste cenário, novas possibilidades de investigação surgem como: memórias e relatos orais, diários e correspondências pessoais, iconografia – fotografias, gravuras, cartazes -, materiais didáticos, cadernos e livros usados pelos alunos, arquitetura escolar e imprensa – jornais, revistas pedagógicas, artigos de opinião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a proposta deste trabalho os objetivos foram alcançados, entende-se que a História Oral surge como metodologia e perspectiva teórica ao permitir acessar narrativas plurais, que oferecem novos caminhos para a análise da memória, bem como a escrita da História da Educação.

A pesquisa evidenciou-se, ainda, que a memória tem se consolidado como categoria central para os estudos em História e Historiografia da Educação enquanto possibilita compreender as experiências individuais e coletivas em sua dimensão social, cultural e subjetiva.

Conclui-se que a História Oral vai ganhando espaço no campo acadêmico, tornando fundamental nas pesquisas, tendo como método as fontes orais que tornam cada vez mais presentes nos trabalhos de pós-graduação, uma conquista nacional e internacional.

Deste modo, a observação histórica leva a entender que, muitas vezes, o/a historiador/a não se encontra presente, sendo assim, torna-se impossível constatar os fatos, pois faz-se perguntas, as mesmas são anotadas e tem-se que verificar sua veracidade. Neste cenário, o historiador busca as fontes e as selecionam transformando-as em documentos.

Pode-se constatar que o processo de transformação da História da Educação de um campo restrito e documentalista para um campo plural, interpretativo e crítico realiza um movimento que amplia o entendimento da educação como fenômeno histórico-social, rompendo com o monopólio das fontes oficiais e incorporando múltiplas vozes e perspectivas sobre o passado educativo.





REFERÊNCIAS

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 6 ed, 1994.

CERTEAU, M. A escrita da história. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Etimologia e origem das palavras. **Método**. 2008. Disponível em: dicionarioetimologico.com.br/método/. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1992.

NORA, P. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo, n.10, p. 7-28, dez. 1995.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. Historiografia da Educação e Fontes. p. 7-64. In: **Cadernos ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Trabalhos apresentados na 15ª reunião anual**. CNPq, FINEP e INEP. N.º. 5, Setembro, 1993.

PORTELLI, A.. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, S. M.; ARAÚJO, O. R. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**. N. 6, jan./dez., 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 1998.

